

20 JUL 1987

Guerra à baixa renda

JOSE HELDER DE SOUZA

Vê-se agora, novamente, o Governo do Distrito Federal às voltas com o problema das "invasões" — toda uma superquadra foi invadida, a 110 Norte — e, em consequência, com o problema de habitação para "pessoas de baixa renda".

Não é a primeira vez que a questão se apresenta e talvez não seja a última. E, possivelmente, a centésima vez em que lugares não apropriados são tomados por favelados, no que se conceituou, na Capital da República, de "invasão". Temos na 110 Norte a repetição de um fato decorrente da miséria em que vive o povo brasileiro, de modo geral, e que tem a ilusão de, aproximando-se do poder central, ver sua miséria resolvida.

Há cerca de dezoito anos nascia a Ceilândia, hoje uma cidade maior que muitas velhas cidades do resto do País. A nova cidade vizinha de Taguatinga é filha legítima da "invasão do IAPI".

Naquele tempo a administração do Distrito Federal, pensando em acabar com o problema das "invasões", criou aquele novo espaço urbano e para lá transferiu os milhares de invasores que então se localizavam na área das mansões urbanas, em frente à Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Invasão batizada IAPI por estar próxima a instalações do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários.

Aquela "invasão — acen tuemos — não foi a primeira, e os fatos atuais da 110 Norte vieram comprovar que esta não foi e poderá não ser a última enquanto perdurarem os chamados "bol-sões de pobreza" Brasil afora. É bem possível mesmo que por muito tempo ainda



assistamos a tais "invasões", ainda vejamos, por largo período as cenas deploráveis como aquelas em que alguns aproveitadores (os industriais das "invasões" que hoje invadem, amanhã recebem um pedaço de terra ou uma casa, depois vendem para de novo invadir outra área), os aventureiros, misturam-se aos miseráveis, pobres coitados jogados à margem da sociedade por um sistema econômico cruel.

Ao mesmo tempo que assistíamos às cenas tristes da "invasão" da Asa Norte, encontrávamos nas páginas do jornal **Universitário**, publicação da reitoria da Universidade Federal do Ceará, lúcida entrevista de José da Rocha Furtado Filho, professor de Arquitetura e Urbanismo. Nela o ar-

quiteto analisava aspectos do drama urbano de Fortaleza, capital do Ceará, e a questão da chamada "moradia de baixa renda". Pelas palavras do mestre da UFC verifica-se que o fenômeno é, por assim dizer, universal, na universalidade do drama e da realidade social do Brasil: milhares de criaturas, cuja riqueza é só a própria vida e os caminhos para andar, a povoar os barracos das múltiplas favelas ao redor das cidades brasileiras. Fortaleza, nos últimos anos, viu sua população aumentada em cem por cento. Taguatinga e Ceilândia sofreram do mesmo mal do crescimento desmedido.

José da Rocha Furtado Filho tem uma conclusão terrível e consentânea com a crise social e econômica

dos brasileiros de hoje. Diz ele que não há solução para a "moradia de baixa renda" e, com muita razão, afirma que a solução é acabar com a própria "baixa renda", acabar com a miséria, infernos, e fazer uma redistribuição mais justa de renda. O que é preciso para reverter as "invasões", diga-se, finalmente, é a implementação imediata das reformas de base, para as quais o povo votou em 15 de novembro de 1986 e escolheu os constituintes e os governadores de hoje. O que é urgentemente necessário é promover a agilização da reforma agrária e com isto conter a migração interna, dando algo de valor como um pedaço de terra, aos que mourejam na mais extrema miséria no interior do Brasil e que, ilusoriamente, procuram a solução de seus problemas fugindo para o inferno das favelas. São urgentemente necessários de continuidade de investimentos nas áreas carentes para que lá se fixe a mão-de-obra e emprego para o povo, já que com emprego tem-se casa, estabilidade e confiança. Luis Inácio da Silva, o deputado Lula do PT, diz com carradas de razão que se o Governo tem maioria no Parlamento e nos executivos estaduais e o próprio Governo da União, por que então não faz, de imediato, as reformas, no que se pode concluir: chega de conversa, precisamos de ação e decisões que venham modificar ou derrogar o sistema econômico montado nos últimos vinte anos e que só penalizou o povão e só criou miséria. Com as reformas é que acabaremos com as "invasões" de Brasília e as imundas favelas do Pirambu e do Janguçu em Fortaleza e no resto do País. Abaixo a baixa renda.